análise econômica

- ♦ Moeda em Marx e Keynes
- **Maria de Lourdes R. Mollo**
- ♦ Bancos: de Keynes a Minsky
- **Luiz Fernando R. de Paula.**
- ♦ Demanda por alimentos na Região Metropolitana de Porto Alegre
- **Rossana Garcia e Paulo Waquil**
- ♦ Abertura comercial e o Nordeste
- **J. Policarpo R. Lima**
- ♦ Mercado de trabalho e investimentos em capital humano
- **Leonardo Francisco F. Neto**
- ♦ Múltiplas dimensões das patentes
- **Eduardo Motta Albuquerque**
- ♦ Desigualdade da renda rural no Nordeste: coeficiente de Gini e índice de Sen
- **Jorge L. Mariano e Ricardo C. Lima**
- ♦ Evolução das indústrias moveleiras mundial e brasileira
- **Pascoal José Marion Filho e**
- **Carlos José Caetano Bacha**
- ♦ Capital humano e crescimento endógeno da economia brasileira
- **Flávio O. Gonçalves**
- **Fernando Seabra**
- **Joanílio R. Teixeira**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitora: Prof^a. Wrana Maria Panizzi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Diretora: Prof^a. Otilia Beatriz Kroeff Carrion

CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS ECONÔMICAS

Diretor: Prof. Fernando Ferrari Filho

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Chefe: Prof. Gentil Corazza

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

Coordenador: Prof. Marcelo Savino Portugal

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA RURAL

Coordenador: Prof. Carlos Guilherme A. Mielitz Netto

CONSELHO EDITORIAL: Achyles B. Costa, Aray M. Feldens, Carlos A. Crusius, Carlos G. A. Mielitz Netto, Eduardo A. Maldonado Filho, Eduardo P. Ribeiro, Eugênio Lagemann, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Jorge Paulo de Araújo, Marcelo S. Portugal, Nali J. Souza, Otília B. K. Carrion, Paulo A. Spohr, Paulo D. Waquil, Pedro C. D. Fonseca, Roberto C. Moraes, Ronald Otto Hillbrecht, Stefano Florissi, Eleutério F. S. Prado (USP), Fernando H. Barbosa (FGV/RJ), Gustavo Franco (PUC/RJ), João R. Sanson (UFSC), Joaquim P. Andrade (UnB), Juan H. Moldau (USP), Paul Davidson (Univ. of Tennessee), Werner Baer (Univ. of Illinois).

COMISSÃO EDITORIAL: Eduardo Augusto Maldonado Filho, Fernando Ferrari Filho, Gentil Corazza, Paulo Dabdab Waquil, Marcelo Savino Portugal, Roberto Camps Moraes.

EDITOR: Nali de Jesus de Souza

SECRETARIA: Cláudia Porto Silveira, Sandra Mascarello e Fábio Régis Sparremberger. *Revisão de textos:* Vanete Ricacheski.

FUNDADOR: Prof. Antônio Carlos Santos Rosa

Os materiais publicados na revista *Análise Econômica* são da exclusiva responsabilidade dos autores. É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos, desde que seja citada a fonte. Aceita-se permuta com revistas congêneres. Aceitam-se, também, livros para divulgação, elaboração de resenhas e resenhas. Toda correspondência, material para publicação (vide normas na terceira capa), assinaturas e permutas devem ser dirigidos ao seguinte destinatário:

PROF. NALI DE JESUS DE SOUZA

Revista *Análise Econômica* - Av. João Pessoa, 52

CEP 90040-000 PORTO ALEGRE - RS, BRASIL

Telefones: (051) 316-3348 e 316-3440 - Fax: (051) 316-3507

nali@vortex.ufrgs.br

EVOLUÇÃO E CONFIGURAÇÃO ATUAL DAS INDÚSTRIAS MOVELEIRAS MUNDIAL E BRASILEIRA*

Pascoal José Marion Filho**
Carlos José Caetano Bacha***

SINOPSE

Analisa-se a evolução e a configuração atual das indústrias moveleiras no mundo e no Brasil, destacando as similaridades e divergências existentes entre essas indústrias. Verifica-se que essas indústrias são similares quanto à reduzida participação no valor da transformação industrial, quanto ao grande número de produtores e quanto à elevada utilização de mão-de-obra. No entanto elas divergem quanto à verticalização da produção de móveis, já que, no Brasil, essa indústria ainda é mais verticalizada. Por fim, apresentam-se alguns comentários sob a perspectiva dessa indústria no Brasil.

Cód. AEA:632

Palavras chaves: indústria moveleira, indústria, tecnologia.

ABSTRACT

This paper analyses the evolution and current configuration of the world and Brazilian furniture industries. Similarities and divergences between those industries are studied, and we conclude that those industries are similar regarding: low participation in industrial transformation value, occurrence of a large number of producers, and intensive use of labor. But the verticalization of the production is more frequent in the Brazilian furniture industry than in the world one. Concluding, we make some comments about the Brazilian furniture industry perspectives in the near future.

AEA Code: 632

Key Words: furniture industry, industry, technology.

* Este artigo foi organizado a partir do capítulo 2 da tese de doutorado elaborada pelo primeiro autor e orientada pelo co-autor deste trabalho.

** Professor da Universidade Federal de Santa Maria e doutor em Economia Aplicada pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - ESALQ/USP.

*** Professor Associado do Departamento de Economia e Sociologia Rural da ESALQ/USP.

ANÁLISE ECONÔMICA	ANO16	N.29	Março/98	p. 119-138
-------------------	-------	------	----------	------------

1 - INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a evolução e a configuração atual da indústria moveleira no mundo e no Brasil, destacando as similaridades e divergências existentes entre essas indústrias.

Os móveis podem ser classificados a partir da *matéria-prima principal*, utilizada na sua elaboração (móveis de madeira, móveis de metal, móveis de plástico e móveis estofados) e/ou pelo *tipo de uso* (móveis para residências, móveis para escritório, móveis escolares, móveis para auditórios etc). Dentro de cada tipo de uso, principalmente no caso dos móveis de madeira para residências, os móveis podem ser classificados de acordo com o *estilo* (tradicional, moderno, rústico, contemporâneo etc.) e/ou de acordo com as *linhas de produtos* ou *grupos* (cozinhas, copas, sala de estar, sala de jantar, dormitórios, móveis para banheiro etc.).

No presente artigo, define-se como *indústria moveleira* (ou indústria de móveis ou indústria do mobiliário) o conjunto de firmas que elaboram móveis utilizando madeira, metal, plástico e artefatos de colchoaria, e que se destinam a residências, escritórios, escolas, auditórios, hospitais, lojas, entre outros.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desagrega a indústria do mobiliário em quatro grupos: 1) fabricantes de móveis de madeira, vime e junco; 2) empresas de móveis de metal; 3) fabricantes de móveis de plástico; e 4) empresas de artefatos de colchoaria.

A indústria do mobiliário, segundo o IBGE, é um gênero industrial significativo da indústria de transformação brasileira, que tem no grupo de fabricantes de móveis de madeira o seu maior destaque. Os dados gerais do Censo Industrial para o Brasil de 1985 mostram que a indústria do mobiliário possuía 13.759 estabelecimentos (6,74% do número total de estabelecimentos da indústria de transformação), apresentava o valor da transformação industrial (VTI) de R\$ 1,92 bilhões a preços de agosto de 1994 (1,43% do VTI da indústria de transformação) e empregava 186.467 pessoas (3,39% do pessoal ocupado na indústria de transformação). Nesse mesmo ano de 1985, havia 12.519 estabelecimentos produzindo móveis de madeira, vime e junco (90,99% dos estabelecimentos da indústria do mobiliário), e juntos eles geravam o VTI de R\$ 1,39 bilhões a preços de agosto de 1994 (72,40% do VTI da indústria moveleira) e empregavam 154.744 pessoas (82,99% das pessoas ocupadas na indústria moveleira).

Desde o início da década de 90, as exportações brasileiras de móveis vêm crescendo continuamente e a taxas elevadas. Segundo a ABIMÓVEL (1996), em 1990 o Brasil exportou US\$ 39.744.595, e em 1995, US\$ 336.544.840 (crescimento de 53,3% a.a. no período).

Não obstante essa significativa importância da indústria moveleira no cenário nacional, pouco tem sido estudado sobre a sua evolução e, principalmente, como essa evolução se assemelha ou diverge do padrão internacional. A literatura internacional sobre a indústria moveleira não é extensa e compõe-se de trabalhos que caracterizam essa indústria em países selecionados, caso de: Meyer et al. (1992), Forbes et al. (1994), West & Sinclair (1991), Smith & West (1990), Bullard & Seldon (1993), Chudnovsky (1996) e ITC/UNCTAD/GATT (1990). Nenhum desses trabalhos faz uma análise global da indústria moveleira no mundo, apesar de possuírem informações suficientes para que tal tarefa seja cumprida.

Os trabalhos sobre a indústria moveleira no Brasil podem ser classificados em: a) diagnósticos e panoramas da indústria moveleira nacional; b) trabalhos técnicos; e c) trabalhos sobre regiões específicas.

Entre os trabalhos que fazem *diagnósticos e panoramas* da indústria moveleira nacional, têm-se: MIC/CDI (1983), Rangel (1993), Coutinho & Ferraz (1995) e ABIMÓVEL (1996). MIC/CDI (1983) faz uma descrição da indústria do mobiliário brasileira e, por meio de uma pesquisa amostral com dados de 1980/81, determina o desempenho e identifica problemas relacionados com essa indústria. Rangel (1993) analisou a competitividade da indústria brasileira de móveis de madeira e propõe políticas para a indústria. Coutinho & Ferraz (1995) diagnosticaram 16 complexos da indústria brasileira, entre eles o de móveis de madeira, e propuseram estratégias de desenvolvimento para cada um desses complexos. E, ABIMÓVEL (1996) dá um panorama da indústria brasileira de móveis.

Os *trabalhos técnicos* englobam artigos que tratam de temas relacionados à produção e à comercialização de móveis. Dentre eles, têm-se os seguintes trabalhos: o que estuda a adoção de novas tecnologias no setor mobiliário (Bahten, 1983); o que mostra como as condições de vida influem na criação dos móveis e na continuidade da produção dos mesmos (Branco, 1983); o que trata da estética e da qualidade do móvel brasileiro (Joye, 1984); o que relaciona o revestimento ou pintura do móvel ao meio a que se destina (Silva, 1984); o que identifica o *design* e a qualidade como fundamentais para se atingir mercados potenciais externos e as feiras nacionais e internacionais como meios de promoção (DEPEM/CACEX, 1984); e o que enfoca as obras e o ofício dos primeiros marceneiros e carpinteiros que chegaram ao Brasil (Canti, 1983).

Os *trabalhos sobre regiões específicas* têm por objetivo descrever a indústria moveleira de um Estado. Têm-se dentro desse grupo os trabalhos do BRDE (1979), IDERGS (1979), FEE (1984) e IDERGS (1991), que fazem um diagnóstico da indústria moveleira gaúcha; o trabalho do SENAI/CETEMO (1993), que dá um panorama da indústria moveleira gaúcha, embora tenha como principal objetivo no seu trabalho identificar as principais demandas de informações técnicas e tecnológicas na indústria

moveleira, visando a um posterior aperfeiçoamento de seus serviços; e o diagnóstico da indústria moveleira de Santa Catarina da FITEP (1980).

Nessa literatura nacional, não se encontra um trabalho mais abrangente analisando a evolução da indústria moveleira nacional e a comparando com sua similar em outros países. Não obstante a literatura acima citada e as informações secundárias existentes no Brasil permitem que essa análise seja feita. Por isso, o objetivo deste artigo é analisar a evolução e a configuração atual das indústrias moveleiras no mundo e no Brasil, destacando as similaridades e divergências existentes entre essas indústrias.

Este artigo está dividido em quatro partes, sendo a primeira delas a presente introdução. Na segunda parte, analisa-se a evolução da indústria moveleira mundial com base nos principais países produtores de móveis. A análise da evolução da indústria moveleira brasileira está na terceira parte, onde se encontram alguns aspectos históricos da produção de móveis no Brasil, as características desta indústria, os principais Estados produtores e exportadores e a tecnologia e os materiais usados na produção de móveis. A quarta parte, as considerações finais, resume as características semelhantes e diferentes das indústrias brasileira e mundial de móveis, bem como analisa as perspectivas para a indústria nacional de móveis.

2 - A INDÚSTRIA MOVELEIRA MUNDIAL

2.1 - A origem da indústria moveleira no mundo

É difícil precisar quando e como surgiu o móvel no mundo. No entanto sabe-se que a sua utilização está intimamente ligada às condições de vida do homem (habitação, costumes, cultura etc.). Antigamente, o móvel era produzido artesanalmente e exclusivamente com madeira maciça. Assim, a qualidade do móvel dependia da habilidade e da criatividade dos artesãos, diferenciando-se de produtor para produtor, mesmo que o móvel tivesse o mesmo fim. A habilidade em trabalhar a madeira, inclusive para fabricar móveis, era comum nos povos que viviam na Europa. O processo de produção, totalmente manual e demorado, exigia a colaboração de auxiliares e atraía muitos aprendizes, que, depois de dominarem o novo ofício, passavam a produzir móveis por conta própria.

A Revolução Industrial ocorrida na Europa no século XVIII incrementou a produção industrial e transformou o trabalho artesanal em trabalho assalariado, além de ser responsável pela grande urbanização ocorrida na época. Segundo Branco (1983, p.19), somente nesse século surgiu pela primeira vez na Inglaterra "...uma preocupação mais específica de que o móvel atendesse as finalidades a que se destinam (escrivadinhas para escrever, cadeiras para sentar etc.)."

Mesmo com a introdução de máquinas na indústria, a partir da Revolu-

ção Industrial, os móveis continuaram a ser produzidos com grande uso de mão-de-obra. Isso decorreu da grande quantidade de tarefas envolvidas no seu processo de produção e da falta de máquinas adequadas para automatizar todo o trabalho. A presença do trabalho artesanal na fabricação de móveis explica a atual presença de grande número de pequenas empresas na indústria moveleira; e os costumes, a cultura e a tradição européia em trabalhar a madeira respondem pela hegemonia mundial das indústrias moveleiras de alguns países daquele Continente.

2.2 - Características recentes da indústria moveleira mundial

Segundo Rangel (1993, p.32), a indústria moveleira é tida como uma indústria tradicional, com tecnologia de produção consolidada e muito difundida, e cujo padrão de desenvolvimento tecnológico é determinado exogenamente pela indústria de bens de capital.

A origem da indústria moveleira está intimamente ligada à produção artesanal de móveis na Europa durante a Idade Média. Na sua grande maioria, a produção de móveis era feita em oficinas onde trabalhavam pessoas da família e o conhecimento acumulado na produção de móveis era passado de geração para geração. Países como a Itália e a Alemanha se destacam mundialmente pela tradição e pela moderna tecnologia utilizada na produção de móveis e nas máquinas para produzir móveis. Essa tecnologia se disseminou pelo mundo através das emigrações e das exportações de bens de capital para a fabricação de móveis. Assim, grandes produtores de móveis e com destacada participação no mercado internacional, como a França, Bélgica e Holanda, também importam, daqueles países, máquinas para fabricação de móveis (ITC/UNCTAD/GATT, 1990).

A grande tradição européia na produção de móveis e a extensa disseminação da tecnologia de produção desses bens fazem a indústria moveleira ser uma indústria tradicional, com tecnologia de produção consolidada e universal. Na indústria de móveis, as inovações tecnológicas são, na sua maioria, inovações de processos, causadas pela utilização de novas máquinas, pela introdução de novos materiais e pelo aprimoramento do *design*. No entanto, o desenvolvimento de novas máquinas, como aquelas com dispositivos microeletrônicos controladas por computador, que melhoram o controle do processo de produção e a qualidade do produto, depende da indústria de bens de capital. O *design* e a combinação de materiais têm sido cada vez mais utilizados na produção de móveis mais modernos e baratos, ampliando a competição no mercado internacional de móveis.

A indústria moveleira de diversos países apresenta muitas semelhanças quanto à absorção de mão-de-obra, organização da produção e estrutura industrial e quanto à participação na constituição do valor adicionado total da indústria de transformação. Mundialmente, a indústria moveleira se caracte-

riza pela grande utilização de mão-de-obra, mesmo com a recente introdução de máquinas com dispositivos microeletrônicos no processo de produção. Segundo Rangel (1993, p.33), isto ocorre porque "...muitas operações ainda são manuais e, por se tratar de processos de produção descontínuos, a integração do sistema de máquinas é quase sempre mediada pela intervenção do homem".

A indústria possui uma organização com reduzida verticalização da produção, o que tem possibilitado uma elevada especialização em cada uma das etapas do processo de produção. Chudnovsky (1996, p.3) comenta que a crescente aplicação de novas modalidades de organização da produção e comercialização tem gerado importantes mudanças na estrutura da indústria de móveis de madeira em nível mundial. Segundo o autor, o modelo tradicional de produção - baseado em plantas de dimensões médias e grandes, que reuniam todas as etapas do processo produtivo, que realizavam uma grande diversidade de tipos e desenhos de móveis para diferentes funções, e que tinham uma baixa flexibilidade para adaptar-se às mudanças na demanda - tende a modificar-se.

A indústria moveleira italiana, a mais especializada e fragmentada do mundo, vem ao encontro da afirmação de Chudnovsky. Ela possuía, em 1988, aproximadamente 33.000 firmas produzindo móveis, sendo que 31.000 firmas tinham menos de 10 empregados, e estas apresentavam uma elevada especialização no processo de produção e nas linhas de móveis fabricados (ITC/UNCTAD/GATT, 1990). Segundo Rangel (1993, p.32), na Itália "as maiores empresas dedicam-se, primordialmente, à montagem e ao acabamento de móveis a partir de peças e componentes produzidos por um grande número de pequenas empresas que trabalham em regime de subcontratação. Cada uma destas pequenas empresas dedica-se a fabricar um produto específico: especializa-se em determinado tipo de móvel ou em determinado componente".

Entretanto, nas indústrias moveleiras da Alemanha, França e Estados Unidos (grandes produtores mundiais de móveis), cresce a concentração da produção, pois o número de firmas vem diminuindo e a produção aumentando. Nesses países, estão fechando, principalmente, pequenas e médias firmas, devido à diminuição das vendas de residências e a crescente concorrência com os móveis importados. Por isso, o número de empregados por firma tem crescido na Alemanha e nos Estados Unidos (ITC/UNCTAD/GATT, 1990).

O processo de concentração das indústrias de móveis da Alemanha, França e Estados Unidos não descarateriza a elevada fragmentação dessa indústria em nível mundial. Além disso, mostra que há uma mudança em curso na indústria de móveis daqueles países em função da maior competitividade dos móveis importados. Na indústria moveleira italiana, a mais competitiva, foi a crescente especialização em etapas do processo de pro-

dução de móveis que contribuiu para o surgimento de um grande número de pequenas firmas, ou seja, para o aumento na fragmentação dessa indústria. Portanto, mesmo com a redução do número de empresas em vários países, o aumento do número de produtores de móveis é o caminho normal a ser seguido pela indústria moveleira mundial competitiva.

Uma outra característica importante da indústria moveleira em nível internacional é a reduzida participação no valor adicionado da indústria de transformação relativamente às outras indústrias. Para Chudnovsky (1996, p.1), no final dos anos 80 a produção de móveis era responsável por 1,8% do produto industrial dos países industrializados e 1% nos países mais atrasados economicamente. Segundo Rangel (1993, p.31), no ano de 1989 a indústria de móveis participava em média com 1,2% do valor da produção industrial nos principais países desenvolvidos - EUA, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Espanha.

Segundo Chudnovosky (1996, p.5), atualmente a indústria de móveis de madeira, em nível mundial, está convergindo para um novo modelo de organização industrial. Esse modelo se caracteriza por: padronização e produção seriada; especialização em partes, peças, montagem e embalagem; comercialização não diferenciada da produção seriada; comercialização específica na modalidade feita sob encomenda; desenho considerando a ergonomia e funcionalidade; utilização de uniões (conexões) inteligentes que facilitam a embalagem dos móveis desmontados; retomada de móveis usados para classificar e separar seus componentes, fazer a reciclagem e reutilizá-los em um novo processo produtivo; utilização de matérias-primas as mais puras possíveis com a finalidade de facilitar sua reciclabilidade; e eliminação das matérias tóxicas em todos os processos de produção.

2.3 – Os principais produtores mundiais e o comércio internacional de móveis

Os países desenvolvidos são os maiores produtores e consumidores de móveis no mundo. Os Estados Unidos lideram o grupo dos países que mais produzem móveis, com uma produção estimada em 36 bilhões de dólares em 1988 e um consumo aparente de 39,1 bilhões de dólares. É, também, o maior importador de móveis com US\$ 3,7 bilhões (Tabela 1). Do total importado de móveis pelos Estados Unidos, 2/3 vieram de cinco países: Taiwan, Canadá, Itália, México e Alemanha, em ordem decrescente de importação (ITC/UNCTAD/GATT, 1990).

A Itália e a Alemanha também se destacam entre os maiores produtores e consumidores de móveis do mundo. A Itália chama a atenção pela sua grande produção de móveis, por ser o maior exportador mundial dos produtos dessa indústria, pelo elevado consumo interno e baixa dependência dos móveis importados. A Alemanha também se destaca pela elevada produção,

exportação e consumo de móveis, mas se diferencia da Itália pela grande importação de móveis. Isso ocorre devido à elevada especialização dos produtores alemães de móveis em algumas linhas de produtos, obrigando o País a suprir a demanda interna das demais linhas de móveis através da importação.

Tabela 1- Produção, exportação, importação e consumo aparente de móveis em 1988, países desenvolvidos (valores em US\$ milhões).

Países	Produção	Exporta-	Importa-	Consumo	Cons. apa-
Bélgica (a)	1.406,83	835,44	593,74	1.165,13	117,37
França (a)	3.519,57	595,80	1.900,84	4.824,61	86,73
Alemanha (b)	8.247,15	3.169,13	2.593,96	7.671,98	124,70
Itália (c)	14.285,71	4.044,55	288,79	10.529,95	183,13
Holanda (a)	1.050,58	317,15	751,64	1.485,08	100,62
Reino Unido (b)	4.285,41	627,22	1.726,51	5.384,70	94,63
EUA (c)	36.009,00	564,00	3.679,00	39.124,00	160,00

Fonte: Elaborada a partir de ITC/UNCTAD/GATT (1990).

Nota: (a) móveis de madeira e assentos; (b) móveis residenciais; e (c) móveis em geral.

Segundo Rangel (1993, p. 27-28), o comércio internacional de móveis é relativamente recente e teve início com as exportações de móveis pela Dinamarca na década de 1950. Esse autor afirma que este comércio está, basicamente, restrito a quatorze países desenvolvidos, uma vez que a eles coube, em 1988, 80% das exportações e 85% das importações mundiais de móveis.

Na Tabela 2, constata-se a elevada participação relativa da Itália e da Alemanha nas exportações de móveis, uma vez que, juntos, estes Países somavam 46,2% das exportações em 1988, considerando apenas os quatorze principais países capitalistas desenvolvidos. Entre os demais exportadores, destacam-se, em ordem decrescente: Canadá, USA, Bélgica, Dinamarca, França e Suécia. Os Estados Unidos são o principal País importador de móveis, seguido em ordem de importância, principalmente, pela Alemanha, França, Inglaterra, Holanda, Suíça e Bélgica.

Entre os países em desenvolvimento, Taiwan foi o que mais se destacou nas exportações de móveis em 1988. Com exportações em torno de 1,7 bilhões de dólares, principalmente para os Estados Unidos e para a Comunidade Econômica Européia, Taiwan participou com 7,7% das exportações mundiais (Rangel, 1993, p. 28).

Chudnovsky (1996, p.2) comenta que, embora a indústria moveleira permaneça concentrada nos países avançados, desenvolve-se um processo de redistribuição espacial da produção e do comércio. Como mudança importante, o autor destaca o retrocesso dos países da Europa Oriental no abastecimento dos principais países consumidores e importadores de móveis, situados na Europa Ocidental e na América do Norte.

Tabela 2- Exportações e importações de móveis dos principais países desenvolvidos, em US\$ 1000, no ano de 1988.

País	Exportações	%	% acum.	Importações	%	% acum	(X-M)
Itália	4.123.171	23,5	23,5	372.889	1,9	1,9	3.750.282
Alemanha	3.988.524	22,7	46,2	2.797.466	14,5	16,4	1.191.058
Dinamarca	1.089.503	6,2	52,4	282.970	1,5	17,9	806.533
Canadá	1.284.899	7,3	59,7	582.935	3,0	20,9	701.964
Suécia	979.067	5,6	65,3	552.449	2,9	23,7	426.618
Espanha	433.717	2,5	67,8	216.398	1,1	24,8	217.319
Bélgica	1.090.989	6,2	74,0	1.008.801	5,2	30,1	82.188
Japão	383.609	2,2	76,2	739.277	3,8	33,9	-355.668
Áustria	343.962	2,0	78,1	738.136	3,8	37,7	-394.174
Holanda	711.011	4,1	82,2	1.239.813	6,4	44,1	-528.802
Suíça	272.063	1,5	83,7	1.172.435	6,1	50,2	-900.372
Inglaterra	636.642	3,6	87,4	1.773.445	9,2	59,3	-1.136.803
França	1.079.052	6,1	93,5	2.663.795	13,8	73,1	-1.584.743
USA	1.136.925	6,5	100	5.202.769	26,9	100	-4.065.844
Total	17.553.134	100	100	19.343.578	100	100	-1.790.444

Fonte: ITSY (1990) citado por Rangel (1993, p.28). Estão incluídos móveis médico-odontológicos.

Os móveis de madeira se destacam entre os exportados e se originam, principalmente, de países desenvolvidos, embora as grandes reservas florestais encontrem-se nos países em desenvolvimento (que são exportadores de madeira bruta). Segundo Rangel (1993, p.29), as exportações de móveis de madeira no ano de 1988 atingiram 35,5% do total das exportações mundiais de móveis.

2.4 - Tecnologia e materiais usados na produção de móveis

A madeira maciça foi o material utilizado quase que exclusivamente na produção de móveis até a primeira metade do século XX. Na Europa, onde se concentram grandes produtores de móveis, parte da demanda de madeira para produção desses produtos é suprida com a importação (de madeira) oriunda da Malásia, Indonésia, Filipinas, Brasil, Estados Unidos, Chile, entre outros países. Isso não quer dizer que inexistam florestas na Europa. A França, por exemplo, em 1988, exportava madeira para o Reino Unido e importava 10% da madeira utilizada na produção de móveis, especialmente pelo baixo preço da madeira importada (ITC/UNCTAD/GATT, 1990).

Atualmente, na elaboração dos móveis de madeira, a madeira maciça está sendo cada vez menos utilizada e a madeira aglomerada vem se destacando como matéria-prima da indústria moveleira mundial. No entanto cresce mundialmente a utilização da chapa de fibra de média densidade (MDF) na fabricação dos móveis de madeira, graças às excelentes caracte-

rísticas que esta chapa possui. Estas características são: maior estabilidade para uso como painel do que a madeira aglomerada; possui uma boa superfície para pintura direta, para vernisagem ou para ser revestida com papel; e é de fácil utilização quando se trabalha com máquinas para produção em série. É crescente, na fabricação de móveis, o uso combinado de madeira com outros materiais, como bambu, vidro, latão, mármore, couro e políester. A combinação de materiais tem dado origem a um novo estilo de móveis, o estilo contemporâneo.

A produção de madeira aglomerada, madeira compensada, chapa de fibra de média densidade (MDF), entre outras, possibilitou a adoção de novas tecnologias na produção de móveis. As características desses produtos permitiram a introdução de máquinas com computador para controlar a forma, o corte, a perfuração, o acabamento, a montagem de componentes e criar novos *designs*, bem como a utilização de novos materiais combinados com a madeira.

Segundo ITC/UNCTAD/GATT (1990), a modernização que vem ocorrendo na produção de móveis é a principal responsável pela mudança no estilo dos móveis produzidos. Os móveis de estilo clássico/tradicional estão dando lugar a móveis de estilos modernos e contemporâneos. Os móveis de estilo clássicos/tradicional, onde predomina a utilização de madeira maciça e têm preços elevados, continuam prevalecendo na linha de móveis destinados às salas de jantar/estar. Já entre os móveis destinados a dormitórios cresce a demanda por móveis modernos (funcionais, coloridos e baratos). Para a cozinha, predominam móveis rústicos com muita madeira maciça; e para o banheiro, destacam-se móveis de estilo contemporâneo.

Chudnovsky (1996, p.6) comenta que a competitividade internacional da indústria de móveis de madeira tende a centrar-se nos seguintes fatores: custo e disponibilidade de matéria-prima; alto *design*; qualidade; especialização da produção e tecnologia. Rangel (1993, p.33) inclui, também, as estratégias comerciais entre esses fatores. A Itália é o único país do mundo que tem uma escola de *design*. Os sucessos da Itália e da Alemanha nas exportações de móveis devem-se, também, ao fato das duas indústrias de máquinas e equipamentos serem as mais avançadas e integradas à indústria de móveis, o que lhes permite um processo permanente de atualização da base técnica da indústria, a custos menores do que os dos outros países.

3 - A INDÚSTRIA MOVELEIRA NO BRASIL

Nesta parte do artigo é dado destaque aos aspectos similares e divergentes existentes entre as indústrias nacional e estrangeiras de móveis, bem como realçam-se os aspectos peculiares da indústria brasileira de móveis.

3.1 - Alguns aspectos históricos da produção de móveis no Brasil

A produção de móveis no Brasil começou com a chegada dos colonizadores. Segundo Canti (1983, p. 59), "os primeiros colonizadores e donatários que chegam ao Brasil trazem consigo mestres de vários ofícios, entre eles carpinteiros, marceneiros e entalhadores, que passam a se dedicar a diversas atividades, inclusive a execução de móveis". A chegada ao Brasil dos imigrantes europeus no século XIX, principalmente italianos e alemães, grandes conhecedores da arte de produzir móveis, permitiu um grande impulso na fabricação de móveis. O País incentivava a imigração devido à crescente escassez de mão-de-obra em São Paulo, causada, principalmente, pela proibição do tráfico de escravos e pelo desejo de aumentar a densidade demográfica do Sul do País, até então escassamente habitado.

O Rio Grande do Sul foi um dos estados brasileiros que recebeu um grande contingente de imigrantes europeus (até 1914 chegaram 50.381 alemães e 141.739 italianos), beneficiando-se do engajamento dos mesmos na produção agrícola e industrial. Como os imigrantes dominavam o ofício de fazer móveis e trabalhar a madeira, houve a expansão da fabricação de móveis de madeira, sendo que, no início do século XX, o Estado já exportava móveis (Almeida, 1992, p.560). Os imigrantes italianos concentraram-se na Região Serrana do Rio Grande do Sul e tornaram o município de Bento Gonçalves um dos maiores centros produtores de móveis do País. Em Santa Catarina, foram os imigrantes alemães que tornaram o município de São Bento do Sul um pólo moveleiro e principal centro exportador de móveis do Brasil (Mafra, 1993).

No início, a produção de móveis era feita em pequenas marcenarias, com madeira maciça e quase sempre eram móveis sob medida, encomendados pelos consumidores brasileiros. Segundo IDERGS (1991, p.17), o processo de desenvolvimento da indústria de móveis no Brasil, até atingir a produção de bens seriados, está intimamente vinculado ao crescimento dessas antigas marcenarias.

Na Tabela 3, verifica-se que o número de estabelecimentos na indústria moveleira do Brasil cresceu continuamente até 1970, e o número de pessoas ocupadas nessa indústria aumentou até 1985. Além disso, constata-se que, dentro da indústria moveleira, o total de fabricantes de móveis de madeira foi, em média, 85,2% dos estabelecimentos da indústria do mobiliário. O que mostra a importância dessa categoria dentro da indústria moveleira em estudo.

Nos anos 70, ocorreram expressivas transformações da indústria do mobiliário brasileira, uma vez que, entre 1970 e 1980, o número de pessoas ocupadas cresceu 65,86%, enquanto no mesmo período o número de estabelecimentos decresceu 3,50%. O número de pessoas ocupadas por estabelecimento passou de 8,02 em 1970, para 13,79 em 1980. As mudanças

estruturais verificadas na indústria moveleira brasileira na década de 70 devem-se, principalmente, ao grande aumento na demanda de móveis. No Rio Grande do Sul, a revista *Súmula Econômica FIERGS* (1996, p.23) comentou que as mudanças ocorridas na indústria moveleira daquele Estado na década de 70 devem-se ao "...grande boom do mercado de móveis, com aumento significativo da demanda e aprimoramento tecnológico, com busca de equipamento e tecnologia no exterior, principalmente na Itália".

Tabela 3.- Número de estabelecimentos e pessoal ocupado na indústria do mobiliário do Brasil, em 1920, 1940, 1950, 1959, 1970, 1975, 1980 e 1985.

Ano	Móveis de madeira ¹		Móveis de metal		Outros ²		Total	
	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Pessoal ocupado	Estabelecimentos	Pessoal ocupado
1920	499	7.657	27	312	41	165	567	8.134
1940	1.677	20.895	... ³	... ³	392	2.212	2.069	23.107
1950	2.485	28.813	45	1.339	352	1.520	2.882	31.672
1959	6.820	49.440	170	5.622	1170	8.409	8.160	63.471
1970	11.011	81.835	513	10.921	1.603	12.566	13.127	105.322
1975	10.089	114.352	484	14.758	1179	9.434	11.752	138.544
1980	11.107	146.249	498	14.750	1.062	13.686	12.667	174.685
1985	-	-	-	-	-	-	13.759	186.467

Fonte: Censos industriais de 1950, 1960, 1970, 1975, 1980 e 1985.

Notas.: ¹ Móveis de madeira, vime e junco; ² inclui móveis de plástico, artefatos de colchoaria e fabricação, montagem e acabamento de artefatos diversos de mobiliário. ³ incluído na metalúrgica.

3.2 - Características recentes da indústria brasileira de móveis

As características atuais da indústria moveleira no Brasil são semelhantes ao padrão mundial quanto à participação no valor adicionado, à absorção de mão-de-obra e à fragmentação da indústria. No entanto, quanto à organização da produção, ela destoa da característica internacional devido à maior verticalização da produção brasileira de móveis.

Apesar da expansão evidenciada através da Tabela 3, a indústria de móveis vem perdendo importância quando relativizada ao conjunto da indústria de transformação do Brasil. Segundo os dados do Censo Industrial do Brasil, em 1959 a indústria de móveis participava com 2,19% do valor de transformação industrial do Brasil; em 1970, com 2,09%; no ano de 1980, com 1,79%; e, em 1985, quando foi realizado o último censo industrial, a participação da indústria de móveis no valor da transformação industrial do Brasil havia caído para 1,43%.

A indústria de móveis é mais trabalho-intensiva, ocorrendo vários casos de produção artesanal. Segundo MIC/CDI (1983, p.67), a relação capital/trabalho para esta indústria é de 1,58, contra 2,63 para toda a indústria

de transformação.

Os dados censitários mostram que, na indústria de móveis, em 1985, o número de estabelecimentos era igual a 13.759 e empregava 186.467 pessoas, o que dava uma média de 13,55 pessoas por estabelecimento. No entanto, em toda a indústria de transformação, o número médio de pessoas ocupadas por estabelecimento em 1985 era de 26,94, o que mostra que os estabelecimentos da indústria moveleira são menores que o de outros gêneros industriais, pois utilizam, praticamente, a metade do número médio de pessoas da indústria de transformação. Isso decorre da presença de muitas empresas de móveis serem pequenas marcenarias, que ainda desenvolvem um trabalho artesanal.

A grande fragmentação e a presença maciça de estabelecimentos com um pequeno número de empregados são características da indústria moveleira brasileira. Na Tabela 4, pode-se constatar que, entre os estabelecimentos da indústria do mobiliário existentes no Brasil em 1985 (segundo o Anuário RAIS), 69,02% deles empregavam menos de 10 pessoas. O número de estabelecimentos da indústria de móveis cresceu 32,01% de 1985 para 1992 e o número de estabelecimentos que empregam menos de 10 pessoas passou a representar 77,16% dos estabelecimentos de mobiliário existentes em 1992.

Tabela 4- Número de estabelecimentos por grupos de empregados no gênero mobiliário no Brasil, em 1985 e 1992.

Número de empregados	Número de estabelecimentos		Em percentagem (%)	
	1985	1992	1985	1992
Total	9.013	11.898	100,00	100,00
0	705	1.647	7,82	13,84
1-4	3.822	5.654	42,41	47,52
5-9	1.694	1.880	18,79	15,80
10-19	1.204	1.339	13,36	11,25
20-49	994	836	11,03	7,03
50-99	304	318	3,37	2,67
100-249	216	180	2,40	1,51
250-499	54	33	0,60	0,28
500-999	17	9	0,19	0,08
1000 ou mais	3	2	0,03	0,02

Fonte: Elaborada a partir dos Anuários RAIS de 1985 e 1992.

Obs.: Constata-se que os dados do Anuário RAIS diferem levemente dos dados do Censo Industrial de 1985. Isto ocorre, uma vez que o Censo Industrial computa todos os estabelecimentos existentes e o Anuário Rais somente os estabelecimentos respondentes.

Em 1995, segundo ABIMÓVEL (1996), existiam no Brasil aproximadamente 13.500 empresas produzindo móveis. Destas, 10.000 eram microempresas (até 15 empregados), 3.000 pequenas empresas (de 15 a 150 empregados) e 500 médias empresas (mais de 150 empregados). A maioria era empresas familiares, tradicionais, produzindo com capital inteiramente

nacional. Em 1994, essas empresas tiveram um faturamento estimado em US\$ 4,4 bilhões (ABIMÓVEL, 1996, p.1). Um outro dado importante sobre essa indústria, é que em 1995 não havia nenhuma empresa entre as 500 maiores do Brasil (conforme a revista Exame: Melhores e Maiores, 1997).

Coutinho & Ferraz (1995, p.327) citam como característica básica da organização da produção da indústria brasileira de móveis a grande verticalização do processo produtivo. Segundo os autores, isto ocorre porque na unidade de produção convivem inúmeros processos tecnológicos (em geral, secagem, usinagem, acabamento e embalagem) dos quais se obtém uma grande variedade de produtos. MARION FILHO (1997), examinando a indústria moveleira de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, verificou que a integração vertical não ocorre em toda a indústria, sendo mais freqüente nas médias e grandes empresas da indústria moveleira. Mesmo assim, as empresas que possuíam esse tipo de integração produziam somente uma parte da madeira consumida na fabricação dos móveis.

A indústria brasileira de mobiliário apresenta também uma elevada concentração nas maiores regiões metropolitanas do País. De acordo com dados da RAIS, em 1990, 49,53% das firmas fabricantes de móveis no Estado de São Paulo estavam localizadas na sua região metropolitana; e, no Rio de Janeiro, essa percentagem foi de 83,1%. Esse percentual é menor em Porto Alegre e Curitiba, respectivamente, 24,44% e 34,88%. No entanto, houve uma pequena desconcentração locacional em relação a 1985, mesmo com o crescimento populacional dessas regiões. Isso pode ser explicado, pelo menos em parte, pelas mudanças que vêm ocorrendo no estilo dos móveis fabricados e na forma de transportá-los, o que tem viabilizado a sua fabricação em locais mais distantes dos centros de consumo.

Finalizando este item, conclui-se que a indústria brasileira de móveis perde participação no valor adicionado da indústria de transformação, concentra-se nas grandes regiões metropolitanas, são empresas familiares, tradicionais, com capital totalmente nacional, e apresentam uma organização da produção verticalizada. Apenas esta última característica não ocorre com a indústria moveleira mundial (como discutido no item 2.1).

3.3 - Principais estados produtores e exportadores de móveis

As empresas que compõem a indústria do mobiliário se concentram em seis estados do Brasil: São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Em 1985, estes seis estados somavam 89,74% do valor bruto da produção, 88,06% do valor da transformação industrial e 84,05% do pessoal ocupado na referida indústria (Tabela 5).

Tabela 5- Número de estabelecimentos, pessoal ocupado, valor bruto da produção e valor da transformação industrial

dos estados que mais produzem mobiliário e Brasil, no ano de 1985.

Estados	Número de estabelecimentos	Pessoal ocupado	Valor bruto da produção (milhões de R\$)	Valor da transformação industrial (milhões de R\$)
São Paulo	3.362	70.398	1.691,91	870,11
Minas Gerais	1.690	14.063	218,30	98,90
Rio G. do Sul	1.214	22.017	511,34	287,13
Rio de Janeiro	1.071	13.634	203,13	97,49
Paraná	1.016	18.892	327,59	166,04
Santa Catarina	906	17.729	311,86	173,63
SOMA (A)	9.259	156.733	3.264,13	1.693,30
BRASIL (B)	13.759	186.467	3.637,23	1.922,85
(A/B)X100	67,29	84,05	89,74	88,06

Fonte: Censo Industrial de 1985.

Nota: Os valores de 1985 foram convertidos para reais de agosto de 1994 pelo IGP-DI da Fundação Getúlio Vargas.

Segundo a revista Amanhã (1995, p.3), em 1994, 88% da produção brasileira de móveis foi gerada nos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

O principal estado brasileiro na produção de mobiliário é São Paulo, que até 1975 gerava mais da metade do valor bruto da produção nacional de móveis (53,25%) e do valor da transformação industrial de móveis (53,08%). Desde então, a sua participação na produção nacional vem caindo e, em 1985, o mencionado estado gerou 46,52% do valor bruto da produção de móveis e 45,25% do valor da transformação industrial nacional de móveis, empregando 37,75% do pessoal ocupado na indústria do mobiliário e possuindo 24,43% dos estabelecimentos produtores de móveis.

São Paulo também liderava o consumo de móveis no País em 1992, com 32% do consumo nacional desses produtos. A região Norte/Nordeste consumia 23% e os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo consumiam 17% do total de móveis em 1992 (Revista IM Móveis & Tecnologia, 1993).

A Região Sul ocupa posição de destaque na indústria nacional de mobiliário, principalmente nestas últimas três décadas. Os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em 1970, geravam 18,09% do valor bruto da produção da indústria do mobiliário e, em 1985, geraram 31,63% desse valor bruto. Segundo a revista Amanhã (1995, p.34), a produção de mobiliário da Região Sul passou a representar 32,6% da produção nacional de móveis em 1994. A indústria de móveis de madeira predomina na Região Sul, uma vez que 86,23% dos estabelecimentos do gênero mobiliário produziam esse tipo de móvel em 1980 e geravam 81,5% do valor bruto da produção moveleira total.

O Rio Grande do Sul e Santa Catarina eram, em 1985, os segundos e terceiros estados, respectivamente, em importância quanto ao valor da

transformação industrial de móveis no Brasil (Tabela 5). Contudo esses estados têm como principal característica serem produtores tradicionais de móveis e responderem pela maior parcela das exportações desse produto (aproximadamente, 76% das exportações brasileiras).

A produção da indústria nacional de móveis está direcionada quase na sua totalidade para o mercado interno (aproximadamente 94% da produção estimada de 1994). Mesmo assim, é interessante observar a evolução e a representatividade das exportações de móveis no total das exportações brasileiras de produtos industrializados (Tabela 6).

Tabela 6 - Participação das exportações de móveis sobre o total de exportações de produtos industrializados do Brasil, entre 1980 e 1996.

Ano	Móveis (A) ¹ (em US\$ mil)	Produtos industrializados (B) (em US\$ mil)	(A/B)X100
1980	25.051	10.485.411	0,24
1981	28.088	13.340.757	0,21
1982	20.379	11.152.801	0,18
1983	18.615	12.633.668	0,15
1984	27.481	17.402.946	0,16
1985	33.046	16.356.304	0,20
1986	40.363	14.344.186	0,28
1987	36.650	18.014.348	0,20
1988	43.286	24.079.417	0,18
1989	46.345	24.027.779	0,19
1990	41.544	21.747.628	0,19
1991	61.505	22.162.523	0,28
1992	129.567	25.998.962	0,50
1993	247.866	28.099.669	0,88
1994	269.417	30.706.774	0,88
1995	313.417	32.848.664	0,95
1996	327.484	33.134.636	0,99

Fonte: Boletim Mensal do Banco Central do Brasil, vários números, e suplementos estatísticos de setembro de 1996 e de março de 1997.

Nota: ¹ Exclusive móveis médico-cirúrgicos.

Embora seja pouco significativa a exportação de móveis em relação ao total exportado pelo Brasil, nota-se uma tendência de rápido crescimento de sua participação em relação às exportações de produtos industrializados a partir de 1990. Isso vem ocorrendo mesmo com o crescimento das exportações dos produtos industrializados e com a falta de tradição brasileira no comércio internacional de móveis.

A ABIMÓVEL (1996) cita que, em 1995, os sete principais estados exportadores, responsáveis por 99,45% das exportações brasileiras desse produto, foram: Santa Catarina (51,59%), Rio Grande do Sul (24,81%), São Paulo (12,31%), Paraná (8,63%), Minas Gerais (0,91%), Rio de Janeiro (0,67%) e Pará (0,53%). Os maiores importadores de móveis do Brasil são,

em ordem decrescente, Alemanha, Estados Unidos, França e Argentina. Para os países do Mercosul, o Brasil exportou US\$ 46.980.437 e importou US\$ 25.883.108 em móveis, o que lhe garantiu um superávit comercial de US\$ 21.097.329.

Como se observa, do total exportado em móveis pelo Brasil, em 1995, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul participam com 76,4%. Um dos fatores que explica a grande participação destes estados nas exportações brasileiras de móveis é a alta competitividade da indústria sulina de móveis, explicada pelo baixo custo da madeira de reflorestamento (Leal, 1996, p.31) e pela modernização das empresas voltadas para a exportação (Rangel, 1993, p.84).

3.4 - Tecnologia e materiais usados na produção de móveis no Brasil

Até a década de 70, a produção de móveis no Brasil era feita quase exclusivamente com madeira maciça, uma vez que existia grande quantidade de madeira nativa barata e a produção de madeira aglomerada estava apenas iniciando. A redução da oferta de madeira maciça e o crescimento na oferta de produtos de madeira (madeira aglomerada, madeira compensada etc.), nestas últimas duas décadas, deram início à produção de móveis mais leves, menos resistentes e baratos.

Atualmente, acompanhando a tendência internacional, a madeira maciça utilizada na produção de móveis é crescentemente originária de reflorestamentos de pinus e eucalipto. Contudo a madeira maciça vem sendo utilizada cada vez menos na produção de móveis, e os seus principais substitutos são: madeira aglomerada, madeira compensada, chapa de fibra de média densidade (MDF), vidros, mármore, plástico, tubos e chapas de aço, entre outros.

Para o IDERGS (1991), a utilização de madeira aglomerada e compensada na produção de móveis apresenta duas grandes vantagens sobre a madeira maciça: as madeiras aglomerada e compensada dispensam a secagem (o material já vem estabilizado em um índice predeterminado de umidade) e facilitam o acabamento (uma vez que as chapas podem vir com revestimentos e serem cortadas na medida solicitada pelas empresas).

Quanto à tecnologia utilizada na indústria moveleira, Bahten (1983, p.44) comenta que “historicamente, a indústria de móveis no Brasil vem adotando inovações originais do exterior, seja em máquinas e equipamentos, de processos de produção, seja de tipos e modelos produzidos”.

O IDERGS (1991, p.39) enfatiza que de “forma geral existe um pronunciado desequilíbrio nos equipamentos existentes na indústria moveleira. Alternam-se máquinas relativamente modernas com máquinas com concepção já ultrapassada”. Além disso, acrescenta que essa indústria apresenta

claras deficiências no tocante à tecnologia de equipamentos, especialmente para realização do acabamento dos móveis.

Rangel (1993) constatou que as empresas que produzem móveis de madeira retilíneos são mais atualizadas tecnologicamente do que as empresas que produzem móveis de madeira torneados. O autor verificou, também, que as grandes empresas têm a modernização tecnológica como uma estratégia para enfrentar a concorrência existente no mercado interno de móveis, quando produzem móveis retilíneos; e, no mercado externo, quando produzem móveis torneados.

Com relação ao *design* dos móveis brasileiros, o IDERGS (1991, p.64) menciona que inexistente o “estilo brasileiro” de móvel. Além disso, acrescenta que os produtores brasileiros de móveis copiam de fora do Brasil a maioria dos *designs*, principalmente os modelos demonstrados em exposições internacionais e em revistas estrangeiras

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se neste artigo que a indústria moveleira mundial e brasileira apresentam *características semelhantes* quanto à reduzida participação no valor da transformação industrial, à grande fragmentação (número elevado de produtores) e à elevada utilização de mão-de-obra (resultado de um processo de produção descontínuo e com várias operações manuais). As indústrias possuem *diferença* quanto à verticalização, já que no Brasil ela é maior do que a encontrada nos principais países produtores mundiais de móveis. Isso ocorre porque as empresas da indústria moveleira brasileira ainda realizam as principais etapas do processo de produção de móveis (em geral, usinagem, acabamento e embalagem).

A indústria de móveis no Brasil também se caracteriza pela elevada concentração nas grandes regiões metropolitanas do País (embora tenha diminuído essa concentração entre 1985 e 1990) e por serem empresas familiares, tradicionais e com capital totalmente nacional. Essa indústria também vem aumentando a sua participação nas exportações de produtos industrializados nos anos 90. Destacam-se entre os estados brasileiros exportadores de móveis Santa Catarina e Rio Grande do Sul com, aproximadamente, 76% das exportações brasileiras do produto, sendo Santa Catarina o principal estado exportador (com, aproximadamente, 52% do total exportado pelo Brasil).

A indústria moveleira mundial passa por um processo de reestruturação. Atualmente, em alguns países, está diminuindo a verticalização da produção de móveis pela maior terceirização de etapas do processo produtivo (usinagem, acabamento e embalagem) e partes de móveis. Os fabricantes de móveis estão utilizando mais partes com união inteligente para uma melhor

embalagem e transporte dos móveis. Cresce também nessa indústria a preocupação com a funcionalidade e a ergonomia do produto, a utilização de tubos de aço, chapas de aço, madeiras de reflorestamentos e chapas (madeira aglomerada, MDF, etc). Os fabricantes de móveis também estão dando maior atenção à padronização e à produção seriada, com a finalidade de aumentar a produtividade e ampliar a competitividade interna e externa.

A indústria moveleira brasileira deverá seguir essas tendências mundiais. Contudo, no Brasil, ainda prevalece a heterogeneidade tecnológica na produção de móveis. As empresas mais modernas seguem a tendência internacional, mas ainda há um grande número de marcenarias em que a modernização, por falta de capital, será bem lenta.

As perspectivas de crescimento para a indústria moveleira brasileira são boas, já que no País existe um déficit habitacional expressivo e surgem condições econômicas para uma expansão na construção civil. Além disso, o Brasil possui condições excepcionais para a produção das madeiras utilizadas na fabricação de móveis, o que gera vantagens competitivas nos mercados interno e externo.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, P.F. A gestão das condições materiais da implantação da indústria gaúcha: 1870 - 1930. *Ensaios FEE*. Porto Alegre, v.13, n.2, p.546-577, 1992.
- AMANHÃ, n.94, mar. 1995.
- ABIMÓVEL (Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário). *Panorama da indústria brasileira de móveis*. São Paulo: ABIMÓVEL, 1996. 13p.
- BANCO DO BRASIL. CACEX. DEPEM. A exportação de móveis (desempenho no período 82/83). *Revista Madeira/Móveis*, v.2, n.2, p.70-74, mai/ago. 1984
- BAHTEN, M. A. A inovação tecnológica no setor mobiliário. *Revista Madeira/Móveis*, v.1, n.1, p.43-45. jan./abr. 1983.
- BRANCO, A. A. Para uma maior compatibilização entre móveis e usuários. *Revista Madeira/Móveis*, v.1, n.1, p.18-26, jan./abr. 1983.
- BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul). *A indústria do mobiliário no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: BRDES, 1979.
- BULLARD, S. H.; SELDON, B. J. Substitution among capital, labor, and raw materials in upholstered household furniture manufacturing. *Forest Products Journal*, v.43, n.3, Mar. 1993.
- CANTI, T. Nota sobre marceneiros e carpinteiros de móveis e samblagem dos séculos XVI ao XVIII. *Revista Madeira/Móveis*, v.1, n.2, p.59-63, maio/ago. 1983.
- CHUDNOVSKY, D. *Diagnóstico de competitividad industrial del MERCOSUR: industria de muebles de madera*. Programa BID/MURCOSUR, 1996. (mimeo).
- COUTINHO, L.; FERRAZ, J.C., Coord. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. Campinas: Papirus, 1995.
- EXAME: melhores e maiores, jul. 1997.
- FEE (Fundação de Economia e Estatística). *Panorama Setorial da indústria de transformação brasileira e gaúcha*. Porto Alegre: FEE, 1984.
- FITEP (Fundação Instituto Técnico De Economia e Planejamento) *Diagnóstico do setor*

- secundário. Florianópolis: Fundação ITEP, v.2, 1980.
- FORBES, C.L. et al. Influence of product and supplier attributes on hardwood lumber purchase decisions in the furniture industry. *Forest Products Journal*, v.44, n.2, p.51-56, Feb. 1994.
- IDERGS (Instituto de Desenvolvimento Empresarial do Rio Grande do Sul.) *Diagnóstico do setor mobiliário no estado do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre:IDERGS, 1979.
- IDERGS. *Competitividade e tecnologia: análise e perspectiva da indústria moveleira do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre:IDERGS, 1991.
- ITC/UNCTAD/GATT. *Wooden household furniture: a study of major markets*. Geneva, 1990. 439p.
- JOYE, A. O móvel brasileiro e seus pequenos problemas. *Revista Madeira/Móveis*, v.2, n1, p.17-20, jan./abr. 1984.
- LEAL, C. Rumo às exportações. *Informativo ABIMÓVEL*, n. 31, p.1-48, fev. 1996.
- MAFRA, A. D. *A história do desenvolvimento da indústria do mobiliário (Região do Alto Vale do Rio Negrinho: São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre)*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 1993. 88p.
- MARION FILHO, P.J. *A evolução e a organização recente da indústria de móveis nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*. Piracicaba, 1997. 151p. Tese (Doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Esalq/USP.
- MEYER, C.J. et al. The U.S. wood furniture industry: a profile of products and channels of distribution. *Forest Products Journal*, v.42, n.3, p.65-70, Mar. 1992.
- MIC/CDI (Ministério da Indústria e Comércio. Conselho de Desenvolvimento Industrial). *A indústria de mobiliário: 1980/81*. Brasília: CDI/SIND/PNDI, 1983.
- RANGEL, A.S. *Estudo da competitividade da indústria brasileira: competitividade da indústria de móveis de madeira*. Campinas: IE/UNICAMP-IEI/UFRJ-FDC-FUNCEx, 1993. 100p.
- REVISTA I. M. MÓVEIS & TECNOLOGIA, n.48, 1993.
- SENAI/CETEMO. *Diagnóstico da necessidade de informação do setor moveleiro do RS: estudo do usuário*. Bento Gonçalves: SENAI/CETEMO, 1993. 82p.
- SILVA, A. E. Acabamento para móveis e suas características. *Revista Madeira/Móveis*, v.2, n.1, p.21-24, jan./abr. 1984.
- SMITH, P. M; WEST, C. D. A cross-national investigation of competitive factors affecting the United States wood furniture industry. *Forest Products Journal*, v.40, n.11/12, p.39-48, Nov./Dec. 1990.
- WEST, C. D; SINCLAIR, S. A. Technological assessment of the wood household furniture industry. *Forest Products Journal*, v.41, n.4, p11-18, Apr. 1991.